



ERGAMOS A BANDEIRA DA ESCOLA DEMOCRÁTICA E POPULAR!

= FOGO SOBRE OS DECRETOS CILERADOS DO MEC =

Aos estudantes do Porto:

Camaradas:

A situação política actual encontra-se numa encruzilhada: ou a Revolução avança e esmaga a contra-revolução, paulatinamente preparada sob a capa da Junta e do Governo Provisório pelo imperialismo e pelos monopólios; ou estas forças negras contra-revolucionárias banharão em sangue a Revolução emergente. Fundar na luta o seu estado-maior, o partido dos proletários, unir a classe operária como um só, mobilizar todas as forças revolucionárias sob uma direcção única e centralizada, organizar as largas massas dos explorados e oprimidos da nossa pátria em torno do programa do Pão, da Paz, da Terra, da Liberdade, da Democracia e da Independência Nacional, preparar os instrumentos e as armas para as grandes batalhas que se avizinham, eis a política que a classe operária prossegue, sob a direcção do M.R.P.P.

Como camada do Povo, também para os estudantes a classe operária tem a sua política. Com efeito, os estudantes são a camada mais sensível da sociedade e uma força viva no processo de transformação desta, pela construção do poder dos operários e camponeses. O primeiro ponto na rota do Socialismo e do Comunismo. Junto dos estudantes assiste-se a uma aguda luta de classes, pela condução da sua luta: ou a classe operária consegue integrar os 500.000 estudantes do nosso país no caudal revolucionário, ou a burguesia, com todos os seus destacamentos revisionistas, neo-revisionistas, trotsquistas, anarquistas e anarco-sindicalistas, se coloca à frente da luta, a desvia do leito da Revolução, a desarma e a põe à mercê do imperialismo e dos monopólios.

Nas escolas, após o 25 de Abril, desencadeou-se um importante movimento revolucionário dos estudantes, particularmente em torno das questões do saneamento, da gestão das escolas, da reestruturação dos cursos e dos exames. A luta estudantil, de norte a sul do país, e com particular acuidade no ensino secundário, ultrapassou os limites impostos pelo principal destacamento da burguesia no seio dos estudantes, a chamada U.E.C., rompeu a máscara "democrática" do Ministério da "Educação" e "Cultura", obrigando a tomar medidas repressivas do tipo das utilizadas por Veiga Simão (caso da utilização da PSP e PM contra os estudantes liceais na greve aos exames), impôs na prática a legalidade das decisões das grandes assembleias e reuniões de massas, e dos órgãos da sua vontade.

Visando refazer-se do poderoso abalado provocado pelo surto do movimento democrático estudantil, o poder burguês vem tentando, através dos seus recentes decretos e circulares, e do destacamento revisionista anti-estudantil U.E.C.-UNEP, reprimir a luta estudantil, despoletá-la e desorganizá-la, atrair a juventude estudantil à sua Reforma imperialista e social-imperialista do ensino, adaptar o aparelho burocrático do ensino às necessidades do desenvolvimento do capitalismo e da exploração desenfreada do Povo português.

Assim, e em relação ao saneamento a política do MEC é, claramente a política do imperialismo e dos monopólios: criar comissões ministeriais que sanean todos os fascistas, saneados pelos estudantes em reuniões democráticas que aceitam participar na sua Reforma, reintegrando-os nas escolas (caso de Megalhães Colação, Freitas do Amaral, António Cruz, Veríssimo Serrão, etc.); prossegue o pagamento de honorários a fascistas saneados; protege da justiça popular fascistas odiantos (caso do ex-ministro da justiça Almeida Costa, recentemente aparecido na Universidade de Coimbra, donde foi expulso pelas massas estudantis, que o levaram para o centro da cidade, tendo sido salvo da justa ira dos operários, trabalhadores e estudantes presentes pela PSP e por Carlos Fabião, do comité das Beiras do partido revisionista); calunia os estudantes em luta anti-fascista; protege e reforça as prerrogativas dos fascistas nas escolas onde a luta estudantil menos se intensificou, em particular no ensino secundário; vai dando penções de reforma a ultra-fascistas, caso do Braga da Cruz, e utiliza tal acto como a prova de ser "democrata"; maneja os revisionistas da U.E.C.-UNEP para tentar conter o ímpeto do movimento democrático estudantil e desviá-lo do seu curso; preserva o essencial do aparelho repressivo fascista (p.ex.: os "Conselhos Disciplinares").

Entretanto, posto o fascismo de reserva, catapultados para a cabeça das escolas representantes dos partidos da coligação governamental, a burguesia manobra ainda durante algum tempo a panaceia dos órgãos de gestão "paritários" criados para iludir as massas sobre a "democracia" nas escolas, manietar os estudantes e retirar-lhes todo o poder de decisão, encerrando num colete de forças toda a sua energia, capacidade criativa e poder de decisão—cuja expressão se concentra unicamente nas amplas reuniões de massas e nos órgãos por si livremente eleitos e livremente revogáveis. Porém, também aqui os planos do M"EC", acolitados e apoiados na UE"C", sossobram sob o peso da luta dos estudantes. Em todo o país, a juventude estudantil se ergue em defesa das decisões tomadas nas assembleias de massas, impondo-as como as únicas válidas e legais. A burguesia resta-lhes afirmar nos seus decretos fascistas que "as reuniões de estudantes não decidem nada", "o corpo docente tem direito de veto", anúncio de uma escalada repressiva sobre as massas estudantis que não estão dispostas a ceder um palmo que seja em relação à defesa da legalidade das suas decisões.

Simultaneamente à gestão burguesa nas escolas, garantida com as missões de gestão burocráticas e cupulistas e com os recentes decretos celerados M"EC", é prosseguida na escola a reestruturação dos cursos. Face a ela, a burguesia, no poder, de mãos dadas, como sempre, com a UE"C", tenta assegurar o seu controle, estipulando prazos irrisórios de entrega de projectos de reestruturação (até 20 de Outubro!) e cozinhando nas costas dos estudantes, através dos órgãos de poder burgueses nas escolas, projectos cuja prossecução decorre da necessidade que a classe dominante tem de formar quadros técnicos, administrativos e intelectuais capazes de se integrarem na nova "arrancada" do capitalismo português e na subordinação da economia portuguesa ao imperialismo. Ao mesmo tempo, importa, nesses projectos, os "valores" e a cultura social-imperialista soviética, cuja expressão se encontra na defesa da coexistência pacífica das classes, no pacifismo, no social-chauvinismo, no humanismo burguês, no individualismo e na alienação. É pois no contexto da Reforma imperialista e social-imperialista do ensino que se integram os planos de reestruturação assegurados pelo M"EC" e pela UE"C", e cujas características encontramos já na odiada reforma Veiga Simão: a intensificação dos ritmos de trabalho, o carácter tecnocrático das matérias e dos programas, a intensificação da selecção, a instituição do regime de faltas.

A selecção tem nestes projectos uma enorme importância, pelo que todos os decretos e circulares do M"EC" a visam assegurar e os revisionistas da UE"C" defendem com unhas e dentes, já que a escola burguesa necessita dos exames e outras formas selectivas para realizar as suas funções de recrutamento de quadros que assimilaram a ideologia dominante, para serem integrados na cadeia de produção e exploração sobre os operários e camponeses da nossa pátria.

CAMARADAS! A luta dos estudantes pelo saneamento, contra a gestão burocrática das escolas, contra a selecção burguesa e contra a Reforma imperialista e social-imperialista do ensino é parte integrante do imenso caudal revolucionário pela LIBERDADE, pela DEMOCRACIA e pela INDEPENDENCIA NACIONAL. A experiência tem provado que só se colocando ao lado do Povo e sob a direcção da classe operária, a juventude estudantil pode desforçar golpes profundos no aparelho de dominação da burguesia. Há pois que prosseguir na via da fusão do conjunto das práticas da luta estudantil com a prática e a luta da classe operária, em torno do programa da Revolução Democrática e Popular, que instaurará o poder dos operários e camponeses e esmagará o fascismo que emerge a cada momento do capitalismo monopolista agonizante e se prepara para banhar em sangue a classe operária e o Povo na luta. Há que, nas escolas, prosseguir o combate, erguer a bandeira da Escola Democrática e Popular, intensificar as amplas reuniões de massas e colocar todos os centros de decisão nos órgãos da vontade popular dos estudantes. Só a vontade, a unidade e a luta das massas estudantis, ao lado do Povo e sob a direcção da classe operária, poderá impedir e enterrar os projectos da burguesia de pôr em prática a sua Reforma imperialista e social-imperialista do ensino.

Mas também se torna necessário combater as concepções oportunistas que tentam subtrair à classe operária a direcção da luta anti-fascista e anti-imperialista nas escolas. Fascistas, liberais e revisionistas unem-se como um só para enterrar o saneamento e fazer valer os seus projectos de gestão e manutenção das escolas. Simultaneamente, organizações do tipo GA"AF" e "CP-UEP", na aparência "anti-fascistas" e "anti-reformistas", divulgam no seio dos estudantes concepções reaccionárias e oportunistas, prespectivando, por exemplo, a luta pelo saneamento como uma luta contra este ou aquele fascista encarado individualmente, desligando-o da luta anti-fascista mais geral da juventude estudantil e do Povo português, e enquadrando-a na defesa da escola "democrática" e das "liberdades instauradas". O combate a estes oportunistas é uma tarefa imediata a tomar em conta.

A ORGANIZAÇÃO DO PORTO DA FEMJ, organização do MRPP para a juventude comunista estudantil, apela ao combate as largas massas da indomável juventude a sair às ruas, a combater e combater as largas massas da indomável juventude, a combater as organizações oportunistas e liberais, a combater as organizações oportunistas e liberais e patriotas a cerrar fileiras na luta por uma escola democrática e popular, no seio de uma sociedade transformada e ao serviço da feiçadade, a combater a libertação de milhares e milhares de explorados e oprimidos, a nossa pátria.

